

Os esportes coletivos e os saberes docentes como parte do trajeto profissional de professoras de educação física

Daniela Ana Agnolin¹ danizinhacefd@yahoo.com.br

João Francisco Magno Ribas² ribasjfm@hotmail.com

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo conhecer como os esportes coletivos são vistos no trajeto de formação e atuação de professoras de educação física da cidade de Santa Maria. Além disso, pretendo problematizar os saberes docentes necessários a sua atuação. Através das falas das professoras, trazemos elementos que auxiliam na compreensão de quais conhecimentos, saberes e competências elas utilizam diariamente no seu trabalho na escola. Com esse estudo foi possível observar que as professoras de educação física têm muito a contribuir se trouxermos para o meio acadêmico as experiências da sua prática docente.

Palavras-chave: Educação Física. Esportes Coletivos. Saberes Docentes. Professoras.

1 INTRODUÇÃO

No contexto atual, a Educação Física faz parte do currículo escolar e encontra-se presente nas escolas de ensino fundamental e médio como componente curricular obrigatório. Conforme explicitado na atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, no art. 26 § 3º,

a educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II – maior de trinta anos de idade; III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; IV – amparado pelo Decreto-Lei no 1.044, de 21 de outubro de 1969; VI – que tenha prole (Brasil, 1996, s.p.).

Além do que foi mencionado cabe ressaltar que os conteúdos a serem ensinados são os jogos, a dança, a ginástica, os esportes.

Como parte do currículo das escolas a disciplina de educação física é ministrada por um professor que realiza sua formação inicial em instituições de ensino superior (universidades, centros universitários, faculdades...), no curso de Educação Física -

¹ Professora Especializanda em Educação Física Escolar, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: danizinhacefd@yahoo.com.br

² Doutor em Educação Motora pela UNICAMP e Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: ribasjfm@hotmail.com

Licenciatura Plena, onde após adquirir conhecimentos especializados e formalizados através das disciplinas científicas, receberá um diploma habilitando-o a trabalhar na escola.

Em meio a esses conhecimentos formalizados através de disciplinas estão às diversas modalidades esportivas, entre elas os esportes coletivos como handebol, futebol, voleibol e basquetebol. Os esportes coletivos além de parte do currículo de formação dos professores da área de educação física passarão a ser ministrados pelos mesmos nas escolas de educação básica como conteúdos da disciplina de educação física.

Entretanto nas atividades docentes, os professores não se orientam apenas de saberes adquiridos na formação universitária, mas de diversos tipos de saberes. Tardif (2002, p.36) define o saber docente como “um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais”.

Nesse estudo busca-se investigar como os esportes coletivos são vistos na trajetória de formação e atuação docente de professoras de educação física; e quais saberes são visualizados nessas ações.

Raymond, nesse sentido sugere,

reconhecer que não sabemos quase nada a respeito das construções dos saberes docentes do ponto de vista dos próprios professores. Precisamos de ferramentas conceituais e metodológicas para guiar nossos esforços de compreensão do que são as interações de diversas fontes na cabeça e nas ações dos educadores. (Raymond, 1993 apud TARDIF 2002, p. 185)

Com essa perspectiva busca-se, através da fala das professoras, trazer elementos que auxiliem na compreensão de quais conhecimentos, saberes e competências elas utilizam diariamente no seu trabalho na escola.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida sob a forma de um estudo de caso seguindo a abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa segundo Minayo (2007, p.21) “responde a questões muito particulares. (...), ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

Na realização desta pesquisa contou-se com a colaboração de sete professoras de Educação Física de uma escola de ensino médio da Rede Estadual da cidade de Santa Maria (RS), que atuam com o ensino dos esportes coletivos. Para preservar as identidades das professoras, serão utilizadas as seguintes representações: P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7.

É necessário salientar que a pesquisa em seu princípio buscava compreender através das falas das entrevistadas qual a implicação de ser “professora” de educação física atuando no ensino dos esportes coletivos e demais questões que cercavam esse contexto pela perspectiva dos estudos de gênero. Porém no decorrer das entrevistas a pesquisa tomou outro enfoque, recaindo sobre a questão da formação profissional e os saberes que essas professoras utilizavam em seu dia-a-dia na escola ao ensinar os esportes coletivos.

A técnica utilizada para a coleta de informação foi a entrevista semi-estruturada que busca combinar perguntas abertas e fechadas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada (MINAYO, 2007). Para tal elaborou-se um roteiro de dez questões, referentes às experiências com esportes coletivos, formação profissional, opções de trabalho, mudanças na forma de atuação profissional, metodologia de ensino, importância da educação física. As entrevistas foram gravadas, transcritas e elaboraram-se categorias para análise das mesmas.

3 O PROFESSOR E SEUS SABERES

A formação acadêmica em licenciatura é um dos requisitos para quem busca atuar como professor seja na área de matemática, de português, de educação física ou outra licenciatura. Entretanto, os conhecimentos e os saberes para exercer a profissão docente, não advêm apenas da formação universitária, mas de várias fontes das quais o professor se utiliza para resolver as questões de seu dia-a-dia de trabalho na escola.

Portanto, os saberes que os professores constroem, significam e ressignificam ao longo de sua carreira profissional são formados pelas experiências de vida, pela história profissional, pela relação com os alunos e com os outros profissionais que atuam na escola.

Para compreender melhor estas várias fontes mencionadas acima se utilizou o estudo de Tardif (2002) que classifica os “saberes docentes” em: saberes disciplinares, saberes curriculares, saberes profissionais e saberes experienciais.

Segundo o autor os saberes disciplinares são saberes sociais definidos e selecionados pela instituição universitária e correspondem aos diversos campos do conhecimento, estando integrados sob a forma de disciplinas no interior das faculdades e cursos. Os saberes curriculares correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos e selecionados como modelos da cultura erudita e de formação para a cultura erudita. Já os saberes profissionais são o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores (das ciências da educação e da ideologia pedagógica); e por fim, os saberes experienciais, baseados no trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio, portanto brotam da experiência e por ela são validados, são os saberes da prática ou da experiência.

Günther e Molina Neto (2000, p. 73) entendem que “o processo formativo de professores é um “continuum”, que se inicia antes mesmo do seu ingresso na graduação e se estende por toda a sua vida profissional.” Portanto, para entender a formação e atuação docente faz-se necessário analisar não só os saberes adquiridos na formação inicial, mas toda a gama de experiências que cercam os professores e constituem sua trajetória profissional. Inclui-se aqui a trajetória pré-profissional (TARDIF, 2002) que compreende as experiências familiares e escolares dos professores.

Considerando o professor de educação física, sua formação também se constitui num processo amplo e complexo, envolvendo diversos elementos que influenciam na construção de seus saberes docentes. Sanchotene (2007) destaca que os saberes utilizados pelos professores de educação física não tem relação apenas com a formação acadêmica, mas também com experiências vividas em todas as dimensões, desde a escolarização, passando pelas vivências esportivas e chegando à formação inicial, continuada, e a própria prática escolar, constituindo-se num saber de caráter plural.

Para compreendermos os saberes que o professor de educação física utiliza na sua vida profissional é necessário compreender como se desenvolveu a formação inicial em educação física, como os professores associam esta à sua atuação profissional e as interações dos demais saberes.

4 A EDUCAÇÃO FÍSICA ENQUANTO ÁREA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ao falar em formação docente na educação física é necessário lembrar a influência das tendências higienista, militarista, pedagógica e competitivista (GHIRALDELLI JR, 1991). Essas concepções conservadoras que orientavam a atuação do professor de educação física estavam voltadas para o desenvolvimento da aptidão física, deixando resquícios que ainda podem ser percebidos na formação deste profissional.

Essa orientação influenciou os cursos de formação de professores e conseqüentemente a proposta pedagógica estabelecida para a educação física escolar, pautando-se pelo desenvolvimento da aptidão física através da prática esportiva. Bracht (2009)³ deixa isso claro ao lembrar que o ensino da educação física esteve fortemente influenciado pelo sistema esportivo, fenômeno conhecido como a “esportivização da educação física”. Esse fenômeno dominou a formação dos professores na medida em que estabeleceu a vinculação entre a educação física e o esporte tornando-os sinônimos, pois o papel da educação física na escola era ensinar os esportes.

Na década de 80 do século XX houve um período conhecido como a “crise da educação física”, em que ocorreu um intenso processo de discussão sobre a real função da mesma na escola. Bracht (2009, p.1) salienta que “o que foi colocado em questão foi o sentido, a função educacional da Educação Física no sistema educacional brasileiro, concomitantemente o questionamento radical da função social do sistema educacional brasileiro.”

Decorrente desse movimento conhecido como “renovador crítico” surgiram abordagens contestando às vertentes técnico-biológicas. Entre essas, as abordagens desenvolvimentista, interacionista-contrastivista, crítico-emancipatória, crítico-superadora e sistêmica (BERNARDI, MOLINA NETO, SANCHOTENE, 2010).

Essas discussões ganharam espaço no contexto da educação física e geraram algumas mudanças curriculares nos cursos superiores de Educação Física que passaram a tomar forma a partir da Resolução N. 03/87⁴. No entanto, mesmo apoiado nesses

³ Palestra realizada via videoconferência no dia 15 de dezembro de 2009 ao Curso de Especialização em Educação Física Escolar CEF/D/UFMS, texto enviado pelo autor.

⁴ Esta Resolução fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena).

discursos de cunho transformador as mudanças não trouxeram alterações significativas para o que já estava instituído,

persiste a ausência de articulação mais significativa entre os conhecimentos específicos e os conteúdos relacionados à metodologia e práticas pedagógicas, o que resulta em um acúmulo de conhecimentos fragmentados que pouco contribuem para uma prática pedagógica reflexiva e crítica dos futuros professores (GÜNTHER; MOLINA NETO, 2000, p.73).

A grade curricular dos cursos de graduação em educação física ainda se constitui de uma listagem de disciplinas que devem ser ofertadas e cursadas pelos alunos. A prática dessas disciplinas, por vezes, fica restrita ao meio acadêmico e a exposição de aulas-modelo para os colegas, sem grande reflexão, mais voltada à réplica de métodos de ensino, dessa maneira gerando uma fragmentação do saber e o distanciamento da realidade.

O que ocorreu na verdade, nos cursos superiores de educação física, foi uma reforma e não propriamente uma mudança, pois de concreto apenas houve um aumento na carga horária com um conseqüente prolongamento do curso, o que não significa necessariamente alteração na concepção curricular (VERENGUER, 1996 apud GÜNTHER e MOLINA NETO, 2000). Tanto que a educação física mesmo como Licenciatura, ainda está classificada na área de ciências da saúde, e a maioria das disciplinas obrigatórias é de cunho técnico/biológico. Essa priorização do conhecimento esportivo e biológico acaba colocando em segundo plano os conhecimentos das práticas educativas e pedagógicas, fundamentais para a atuação do professor, independente de qual for seu espaço de trabalho.

O que tem pautado a formação acadêmica em Educação Física é um saber predominantemente instrumental de caráter funcional, que privilegia a competência técnica do docente, restringindo a prática pedagógica à seleção e aplicação de procedimentos instrumentais que possibilitem a máxima eficácia nos resultados (GÜNTHER; MOLINA NETO, 2000, p. 74).

Esse modelo de formação de professores de educação física faz das instituições formadoras um ambiente propício a manutenção de concepções teóricas baseadas na fragmentação do saber, favorecendo a separação entre teoria e prática. Bracht (2009, p.3) coloca que “instalou-se uma divisão nos cursos de formação, que determinou que as ‘práticas’ continuassem sob a responsabilidade daqueles que não faziam a opção pelo trabalho acadêmico e que a teoria ficasse sob responsabilidade dos ‘críticos’”.

Percebemos então que a estrutura do curso de formação de professores em educação física ainda é fundamentada no modelo instrumental de caráter funcional de disciplinas a serem cursadas, entre essas estão às referentes às modalidades esportivas coletivas (handebol, basquete, futebol e voleibol). As modalidades esportivas coletivas são transpostas para o ensino escolar na forma de conteúdos da disciplina de educação física, mas desenvolvidas seguindo o modelo de saber fragmentado, onde o aluno vivência os conteúdos sem fazer associação entre eles.

5 A ESCOLA, O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESPORTE

A escola, uma instituição social,

que foi criada com o intuito de transmitir os conhecimentos historicamente construídos pelos seres humanos, acaba tendo papel importante na manutenção da ordem vigente, na medida em que é pensada de forma acrítica e distante da realidade social (BERNARDI, MOLINA NETO, SANCHOTENE, 2010, p.1/1).

O professor de educação física antes de ser tornar professor passa pela escola como aluno. Assim, acredito que a mesma, influencia na sua formação pessoal e profissional, sendo parte de seu trajeto pré-profissional.

Tardif (2002) coloca que antes mesmo de ensinarem, os professores vivem nas salas de aula e na escola durante aproximadamente 16 anos, lugar esse que será seu futuro local de trabalho. Tal imersão é formadora porque leva os futuros professores a adquirirem crenças, representações e certezas sobre a prática do ofício de professor, bem como sobre o que é ser aluno. Este saber herdado da experiência escolar persiste através do tempo sendo que nem mesmo a formação universitária consegue abalá-lo.

Na educação física isso é facilmente evidenciado, pois o professor busca em suas experiências vividas com o esporte na escola o modelo para sua atuação profissional, justificando sua prática através das situações aprendidas ainda enquanto aluno, o que muitas vezes determinou até sua escolha profissional pela área.

É importante lembrar que, “um professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros (TARDIF, 2002, p. 31)”. Na escola o professor de educação física é o responsável por desenvolver os conteúdos relacionados a essa disciplina. O esporte nas suas diferentes modalidades é o conteúdo que mais recebe destaque no trabalho da educação física escolar.

No entanto, o esporte moderno como nos coloca Bracht (1997) resultou de modificações dos elementos da cultura corporal de movimento, ou seja, da esportivização dos jogos populares que adquiriram caráter competitivo e institucionalizado. Esse processo de esportivização criou um modelo hegemônico do esporte, que resultou na soberania absoluta deste perante os outros conteúdos da educação física. As práticas esportivas são conteúdos transmitidos através de modalidades, entre essas os esportes coletivos como: futebol, handebol, voleibol e basquetebol.

Muito se tem discutido sobre como trabalhar com os esportes coletivos na escola, nesse sentido este estudo visa contribuir com o entendimento do sentido que esses ganham na trajetória docente e dos saberes gerados para a área da educação física.

6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Para compreender a participação dos saberes docentes e dos esportes coletivos na trajetória docente fez-se necessário uma aproximação com o lugar de trabalho das professoras-colaboradoras. Para tal, foram realizadas entrevistas com as mesmas oportunizando o relato de suas experiências e vivências com os esportes coletivos.

Na conversa com as professoras o primeiro ponto tratado foram experiências vivenciadas com os esportes coletivos antes e durante a realização do curso de educação física. Remeter a esse tipo de lembrança traz a tona momentos vividos na escola,

(...) no handebol também participava de competições pelas escolas, sempre estudei em escola pública. Então as escolas sempre participavam e eu estava no time da escola. (Entrevista P1, dia 03/12/2009).

Bom, antes da faculdade, no meu ensino médio eu jogava voleibol na equipe do colégio (...). (Entrevista P2, dia 03/12/2009)

(...) eu tinha esporte coletivo aqui mesmo no Colégio X que eu estudava no ensino médio, no ensino fundamental tive experiências com vôlei, handebol. (Entrevista P7, dia 03/12/2009)

Pode-se perceber que a prática de esportes coletivos antes da faculdade esteve atrelada a momentos vividos na escola, principalmente em competições escolares, mostrando que o esporte pode ser um saber herdado da experiência escolar.

Outro aspecto mencionado refere-se a momentos vividos com pessoas da família e amigos,

Antes da faculdade eu gostava muito de jogar (...), na época de adolescente me reunia no próprio bairro com primos, amigos e locávamos as quadras de esporte da Igreja para jogar vôlei (...). (Entrevista P4, dia 10/12/2009)

As atividades esportivas junto ao ambiente comunitário com familiares e amigos também constituem parte da trajetória pré-profissional dessas professoras.

Os relatos com esportes coletivos ligados ao curso de graduação ficaram restritos a prática destes durante a realização das disciplinas do curso de educação física. Esses saberes conhecidos como disciplinares já estão instituídos dentro do currículo pela instituição universitária.

(...) na faculdade eu não participei da equipe, mas sim participava dentro das disciplinas (...). (Entrevista P2 dia 3/12/2009)

Era licenciatura plena, porém abrangia todos os esportes, mas mais voltado para o ensino na escola e não a formação de atletas. (Entrevista P7 dia 03/12/2009)

O segundo aspecto contemplado fez referência à formação no curso de educação física na parte de esportes coletivos.

Foi muito bom, eu tive toda a parte teórica e prática sempre, nós tínhamos um dia aula teórica e no outro era prática, então a gente podia vivenciar bem as duas coisas (...) foi muito bom (...) pude ter noção de todos. (Entrevista P1, dia 03/12/2009)

(...) posso dizer que tive uma boa formação, assim meus mestres foram maravilhosos (...) claro a maioria desses professores trabalham mais com a técnica são tecnicistas, eu particularmente acho que a gente aprende a trabalhar melhor no colégio. (Entrevista P2, dia 03/12/2009)

foi muito boa, eram bons os professores (...) bastantes exercícios, as aulas até de treinamento, como a gente treina equipe, parte de tática. (Entrevista P6, dia 02/12/2009)

Pode-se perceber que a “boa” formação mencionada pelas professoras está atrelada ao saber-fazer. Na área da educação física essas características estão relacionadas ao enfoque instrumental do conhecimento, abordado anteriormente quando foi falado da formação do professor de educação física, centrada na parte técnico/biológica.

Como terceiro aspecto levantou-se os motivos para a atuação dessas com esportes coletivos. No caso particular das professoras-colaboradoras, na escola em que atuam, a disciplina de educação física é constituída por clubes das modalidades

esportivas (futebol, handebol, voleibol, atletismo...), em que o aluno opta pela prática de uma delas. Com isso, as professoras, por vezes, podem optar pela modalidade esportiva com a qual vão trabalhar e em outros casos elas assumem determinada modalidade devido à necessidade do currículo.

Aqui no Colégio X a gente trabalha por clube, então conforme a necessidade de professor, a gente tem que assumir, a minha preferência é ginástica – eu sou professora de ginástica – já dei aula de futsal aqui. Então a gente faz assim, cada professor escolhe aquilo que tem mais domínio, esse ano mesmo eu fiquei com ginástica e voleibol. (...) é conforme a demanda de procura no clube a gente tem que assumir. (Entrevista P1, dia 03/12/2009)

Porque aqui no X o coletivo não foi opção minha é que a escola funciona assim. Então cada professor tem o seu clube e cada um, por exemplo, futebol eu não gosto de trabalhar com futebol, mas eu tive que me adaptar porque não sobrou outra escolha. A opção mesmo do esporte coletivo que eu gosto é o vôlei. (Entrevista P3, dia 02/12/2009)

É uma questão assim mais específica, digamos da própria escola, o local aonde tu chegas, o que eles necessitam dos professores. Então durante os meus anos eu trabalhei com todos eles, porque tu pega às vezes séries em que você é obrigado pelo próprio currículo a trabalhar o handebol, o futsal e por aí vai (...) mas quando eu entro no ensino médio que existe opção aí fico com o basquete (...). (Entrevista P4, 10/12/2009)

Pelas entrevistas constata-se que a opção de trabalho está ligada, num primeiro momento, a atender as necessidades do currículo da escola, onde o programa já está instituído. Em relação a isso, Tardif (2002) salienta que os saberes das disciplinas e os saberes curriculares que os professores possuem e transmitem não são o saber dos professores, mas produtos oriundos da tradição cultural, incorporados à prática docente através das disciplinas, programas escolares, matérias e conteúdos.

Apesar disso, num segundo instante, as professoras se permitem dentro da estrutura escolar, escolher o conteúdo que consideram ter maior domínio e afinidade demonstrando prazer em trabalhar com determinada modalidade esportiva.

Ao longo de sua trajetória profissional o professor sofre a influência de diferentes teorias referentes ao processo de ensino e aprendizagem, que por vezes entram em conflito com as aprendidas durante a formação inicial, fazendo com que este modifique sua postura profissional ou a fortaleça. Outro fator que influencia e modifica a atuação profissional são as experiências adquiridas no dia-a-dia da escola, que muitas vezes servem de base para tomar decisões em situações de ensino e aprendizagem similares.

O quarto ponto refere-se a indagações a respeito de mudanças nas concepções e na atuação das professoras investigadas, desde o início de sua atuação em escola até o momento atual.

Houve muita, porque quando a gente se forma, principalmente na época em que me formei, era muito tecnicista. No início eu trabalhava também cobrando do aluno, hoje eu me considero uma professora muito mais humana neste sentido, porque eu consigo pela minha experiência avaliar o progresso que o aluno fez. Então não me interessa se o aluno está um exímio jogador, me interessa o que ele era e o que passou a ser. (...) eu não sou mais tecnicista, hoje eu sou, digamos assim, humanista. (...) Eu faço com que eles sejam sociáveis, não aceito 'rusgas'. (Entrevista P4, dia 10/12/2009)

Inicialmente era baseado na técnica, agora já é baseado no que o aluno pode crescer, o que o aluno pode absorver, o que o aluno pode fazer (...). (Entrevista P5, dia 02/12/2009)

Pelos relatos percebe-se que as mudanças não ocorrem somente em relação às teorias de ensino e aprendizagem, em que as professoras tiveram sua formação. Com o tempo, mudaram suas concepções devido à experiência adquirida no cotidiano escolar ou por perceberem que muitas vezes essa não atendia mais as necessidades dos alunos e delas mesmas.

Com certeza, porque eu não estava acostumada a me voltar tanto para a parte de treinamento desportivo, estava acostumada com aulas mais puxadas para o básico, para o lado dos educativos: posição certa da manchete, do toque, posicionamento certo na quadra. Aqui a exigência foi outra, para o lado do treinamento, isso me puxou a me aperfeiçoar nesse sentido. (Entrevista P3, dia 02/12/2009)

As exigências do local de trabalho também provocam mudanças na maneira de atuar do professor que precisa buscar se aperfeiçoar ou até mudar seu modo de trabalho para atender novas exigências.

Nota-se também que a maneira de ver o ensino do esporte na escola pode estar atrelado às experiências vividas enquanto aluno da escola bem como do curso de educação física, essas experiências influenciam a percepção do que é ser aluno e de como trabalhar o esporte.

Bom, na minha época o aluno queria. Ele tava aí na tua aula e ele queria fazer, então meu professor de ensino médio e fundamental trabalhava muito a técnica, a gente treinava e jogava mesmo, aprendia. Quando eu comecei em colégio, principalmente com crianças de 5ª e 6ª séries, onde eu trabalho atualmente (...) eu vejo assim: com as meninas é uma dificuldade enorme na questão da técnica, não tem técnica nenhuma. (...) Eu posso dizer que 50% da turma gostam e daí participa, aprende e tem interesse, os outros 50% é

complicado (...). Então é complicado sabe. Tudo parece que tu tá tendo que obrigar o aluno a fazer, não é aquela coisa: 'ah vou fazer por prazer porque gosto'. (Entrevista P2, dia 03/12/2009)

Sim, porque na verdade meu rendimento na faculdade não era digamos positivo perante meus colegas, porque a maioria era atleta. Então a concepção deles de esporte coletivo é alto rendimento (...) e a minha percepção de esporte coletivo é realmente integrar, socializar o aluno perante uma turma, isso continua até hoje (...). (Entrevista P7, dia 03/12/2009)

Outro fato importante salientado por essas professoras é que só se aprende na prática e que o planejamento da aula está suscetível a mudanças, devido a fatores externos (falta de alunos, brigas durante as atividades, entre outros). O professor percebe isso somente quando vai atuar na escola.

Totalmente! Na universidade fiz estágios, todos aqueles estágios com as aulas planejadas, aquela coisa toda. E no estágio eu já via que o que eu planejava não era executado. Muitas coisas eu tentava seguir, mas fugia, porque quando tu chegas pra dar aula tu vai ver, às vezes ocorrem imprevistos com alunos e tal (...). Então assim tu fazes um cronograma, mas a prática é totalmente diferente. (Entrevista P1, dia 03/12/2009)

Através de todos esses fatores são construídos os saberes da experiência ou da prática.

Para ministrar sua aula o professor segue uma metodologia de ensino, proveniente, muitas vezes, de sua formação inicial. O próximo aspecto questionado foi a forma como organizam e desenvolvem as aulas com os esportes coletivos.

Vou citar o vôlei: a gente começa com um aquecimento, depois trabalha o fundamento (toque, manchete...), depois jogo livre. Assim, não tenho problemas porque a minha aula é muito uma brincadeira, justamente para motivar o aluno, porque tem aluno que têm dificuldade e não consegue realizar as atividades. E, se tu começar a cobrar ele não vem mais, aí troca de clube e a gente não quer isso. (Entrevista P1, dia 03/12/2009)

Eles escolhem o clube. Então eu seleciono os alunos, aqueles que têm um nível médio e bom e aqueles que estão necessitando de um reforço mais nos básicos, nos educativos. Aí eu divido o médio e o bom, esses já ficam na quadra se aperfeiçoando no jogo, enquanto eu reforço com educativos aqueles alunos que precisam melhorar, que tem que ter uma noção melhor de defesa. (Entrevista P3, dia 02/12/2009)

As falas das professoras remetem ao saber instrumental da prática do esporte, característico da formação na área de educação física, pois nota-se que a seqüência de ensino é baseada no fazer, no realizar tarefas. Outro fato importante são os resquícios da formação que valoriza a melhora da aptidão física e do movimento, ou seja, a educação

física na escola segue ainda uma abordagem técnico/biológica, embora as professoras utilizem termos como “educativos” e “brincadeiras”.

Buscando valorizar a experiência profissional das professoras indagou-se a respeito de sugestão que dariam para quem for atuar com a educação física e os esportes coletivos na escola.

Em qualquer esporte o professor tem que respeitar o limite do aluno, cada um tem seu limite. Não querer exigir que fulaninho seja igual ao outro, isso não existe. (...) A nossa obrigação como professor de educação física é despertar no aluno o gosto pela atividade física, uns vão gostar de vôlei, outros vão gostar de outra coisa. Não pode forçar ele, tem que deixar descobrir qual é o seu talento; todos nós temos talento. (Entrevista P1, dia 03/12/2009)

Eu poderia dizer que a gente não deve desanimar, apesar de ter os alunos que não gostam muito, que estão aqui por obrigação e para ter nota, a gente tem que se esforçar ao máximo e tentar trazê-los para as aulas, mostrar que eles têm condições. (...) A gente não pode perder a esperança. (Entrevista P2, dia 03/12/2009)

Ter o domínio de regras é fundamental e também do desporto que vai trabalhar. (...) Olhar o aluno, prestar atenção no aluno, porque é ele quem diz para a gente qual caminho devemos seguir, com certeza, de acordo com o potencial de cada aluno. (Entrevista P3, dia 02/12/2009)

O professor tem que estar presente, o professor tem que estar ao lado de seu aluno. O momento em que tu estás junto dele tu está avaliando tudo o que está acontecendo. (...) Outra parte também importante é fazer com que o aluno desenvolva o seu potencial. (Entrevista P4, dia 10/12/2009)

O professor tem que saber o que ele quer do grupo com o qual está convivendo. São grupos distintos em cada horário e cada grupo vai te responder de uma forma. (Entrevista P5, dia 02/12/2009)

Tem que ir atrás, pesquisar como eu fiz no handebol, (...) tem que se atualizar sempre. (Entrevista P6, dia 02/12/2009)

Tem que se preocupar com o embasamento, (...) que os alunos saiam do ensino fundamental tendo em mente a real importância da atividade física, não necessariamente em competições. (Entrevista P6, dia 03/12/2009)

Aqui também se percebe a referência aos saberes experienciais, pois as sugestões partem da realidade vivida por essas professoras, são percebidas apenas por quem está atuando, não sendo ensinadas em disciplinas da formação universitária. O respeito com o aluno, o aprendizado decorrente da convivência com este, a necessidade de se aperfeiçoar e de ter claro o que almeja como professor é mencionado por essas professoras como essenciais a quem vai trabalhar na escola.

As professoras durante sua trajetória profissional olham para as situações do cotidiano escolar de forma diversa, pois são pessoas diferentes que passaram por

experiências diferenciadas ao longo da vida, seja na sua história familiar, comunitária, escolar, de formação acadêmica, de atuação profissional e até mesmo nos aspectos pessoais. Para finalizar oportunizou-se um espaço para que as professoras entrevistadas colocassem espontaneamente aspectos que quisessem destacar ou que não tivessem sido contemplados nos questionamentos anteriores.

Nós temos uma obrigação muito grande como professores de educação física, porque a gente trabalha com a saúde. Cabe a nós despertar esse gosto, porque a atividade física tem que ser pra sempre, desde que a criança é pequenina (...). Outra coisa muito importante é não traumatizar a criança, ela tem que se sentir à vontade, se ela errou não cobrar. Eu fui para a educação física porque eu tive excelentes professores, tanto que eu admirava os professores de educação física. (Entrevista P1, dia 03/12/2009)

O pessoal generaliza muito. Falam que o professor simplesmente larga uma bolinha, deixa o aluno jogando e fica conversando; sai e deixa o aluno sozinho. No meu caso, tento fazer o máximo ali com o aluno, tentando passar o que eu sei e fazer com que ele aprenda, apesar de todas as críticas que a gente ouve, tentando inculcar no aluno que nem todo profissional é igual. (Entrevista P2, dia 03/12/2009)

Acreditar que aquele anseio e aquele objetivo de cada um de nós, podem ser alcançados. Qual é o objetivo mesmo do professor de educação física? Principalmente, é fazer com que o aluno melhore na sua aptidão, na sua prática, através de atividades básicas cotidianas que tu vai dar. (Entrevista P3, dia 02/12/2009)

Embora tenha me formado há alguns anos atrás eu nunca parei de estudar, eu sempre investi, porque sempre achei que tu tens que estar se atualizando. (...) Nós temos responsabilidade com o aluno que nos procura pra tratar problemas psico-emocionais, inclusive porque ele é mais chegado na gente, é a única aula que dá liberdade a eles. (...) A todos os colegas, que sejam responsáveis porque a nossa profissão é o futuro para a saúde, para a sociedade e para ajudar no caráter. (Entrevista P4, dia 10/12/2009)

Conhecer a turma que vocês vão trabalhar. Definir regras junto com os alunos, como vão ser as aulas no ano: não tá dando certo reúne os alunos de novo e vê o que não tá dando certo e ajusta o mais cedo possível. É importante cada vez que o aluno vem que ele venha com gosto, assim eles interagem com o professor e se identificam com ele. (Entrevista P5, dia 02/12/2009)

Eu gosto muito do meu trabalho na disciplina, de trabalhar com os alunos, de levar para torneios. (...) Tem que gostar, não adianta fazer a coisa obrigada. (Entrevista P6, dia 02/12/2009)

Na verdade o aluno da graduação só vai realmente aprender a dar aula, a atuar perante o aluno, a enfrentar dificuldades quando for para a prática, por exemplo, dar uma aula de vôlei. É diferente dar aula para os colegas de graduação e dar aula para uma turma de 4ª série. Na verdade o que vai acontecer são outras situações, (...) tu vai ter que acabar gerenciando tudo isso: ensinar, acalmar os alunos, conscientizar que eles precisam aprender outras coisas, romper barreiras. Tem que motivar, e isso só se aprende na prática. (...) Quando tu começa a atuar tem mais ansiedades e depois

começa a progredir e acaba sendo mais light, as tuas ânsias não são tão importantes (...) a gente é exemplo pra eles. (Entrevista P7, dia 03/12/2009)

Percebe-se nos diferentes relatos que as professoras remetem a aprendizagens do seu cotidiano, esses são saberes da experiência ou da prática. Tardif (2002, p.39) coloca que “eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e saber-ser.” As falas das professoras são reveladoras, são elas dizendo o que aprenderam com suas experiências e mostrando caminhos através das suas práticas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste estudo foi investigar como os esportes coletivos são vistos na trajetória de formação e atuação docente de professoras de educação física, além da construção dos demais saberes docentes. Essa aproximação possibilitou perceber que os saberes dessas professoras não advêm apenas da formação universitária, mas, sobretudo da experiência adquirida durante a trajetória pré-profissional e profissional, e evidenciada na sua atuação na instituição escolar.

Os saberes oriundos das teorias pedagógicas da educação física são utilizados pelas professoras no momento em que precisam de argumentos teóricos para justificar a sua prática. Porém na prática pedagógica elas acionam, preponderantemente, os saberes da sua experiência, ou seja, buscam nas situações que viveram e vivem a resposta para a melhor forma de atuar no ensino escolar. As situações já vividas parecem garantir certa segurança às professoras, pois foram testadas e validadas por elas no seu cotidiano.

As experiências obtidas através das vivências com esportes coletivos fizeram parte da história de vida dessas professoras de educação física, contribuindo na construção dos saberes profissionais e experienciais sobre o ensino dos esportes coletivos.

Através das falas dessas professoras adentrou-se num universo que não está escrito em páginas de livros, mas que se formalizados trariam colaborações muito significativas para a formação dos futuros docentes. O relato e a sistematização das experiências profissionais, construídos a partir do cotidiano escolar e das situações que o cercam, geram respostas relevantes sobre o fazer/ensinar, possibilitando aos professores tornarem-se sujeitos produtores de saberes.

REFERÊNCIAS

BERNARDI, G. B.; MOLINA NETO, V.; SANCHOTENE, M. U. Formação Profissional e Educação Física Escolar: contribuições do currículo para a prática docente. **Revista Digital EFDEPORTES**, Buenos Aires – Ano 14, n.141, fevereiro de 2010.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília DF, dez. 1996.

BRACHT, V.; **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, 1997.

BRACHT, V.; **Formação Profissional, Currículo e Prática Pedagógica**. 2009. (Palestra realizada via videoconferência no dia 15 de dezembro de 2009 ao Curso de Especialização em Educação Física Escolar CEFD/UFSM, texto enviado pelo autor).

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Resolução nº 03, de 16 de junho de 1987. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 setembro 1987.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **Educação física progressista: A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo, 1991. Edições Loyola. Coleção Espaço, vol.10.

GÜNTHER, M. C. C; MOLINA NETO, V. Formação permanente de professores de educação física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre: uma abordagem etnográfica. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 01, n. 14, p. 72-84, jan-jul, 2000.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SANCHOTENE, Mônica Urroz. A relação entre as experiências vividas pelos professores de educação física e a sua prática pedagógica: Um estudo de caso. 187f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência do movimento Humano Escola de Educação Física. UFRGS, Porto Alegre, 2007.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.